

ENTREVISTA NARRATIVA COMO TÉCNICA DE PESQUISA

NARRATIVE INTERVIEW AS A RESEARCH TECHNIQUE*

PATRÍCIA PACHÁ

Universidade Católica de Petrópolis, Brasil
patricia.42140027@ucp.br

LÚCIA VAZ DE CAMPOS MOREIRA

Universidade Católica de Petrópolis, Brasil
lucia.moreira@ucp.br

Resumo: Este artigo discorre sobre a utilização da entrevista narrativa como técnica na pesquisa qualitativa. A partir da apresentação da técnica de pesquisa, o artigo aponta as características da entrevista narrativa, explicando suas etapas de construção e discute as possibilidades de análise a partir da técnica descrita por Schütze, ressaltando a importância do seu uso na pesquisa qualitativa. A entrevista narrativa tem a capacidade de avançar para além dos dados, não ficando restrita a um aspecto do objeto em estudo, mas abordando as várias nuances da interação que compõem a questão com o objetivo de entender de maneira profunda as variáveis relacionadas com aquela questão. Narrar o passado ou o trabalho presente leva o indivíduo a olhar de maneira distinta sua realidade e a reconfigurar sua prática. A partir da análise da narrativa é possível inferir padrões de atuação e comportamentos em determinados grupos, o que pode ser extremamente relevante no âmbito da pesquisa educacional.

Palavras-chave: Entrevista narrativa. Pesquisa qualitativa. Metodologia.

Abstract: This article discusses the use of the narrative interview as a technique in qualitative research. From the presentation of the research technique, the article points out the characteristics of the narrative interview, explaining its construction stages and discusses the possibilities of analysis based on the technique described by Schütze, highlighting the importance of its use in qualitative research. The narrative interview can move beyond the data, not being restricted to one aspect of the object under study but addressing the various nuances of interaction that make up the issue with the aim of deeply understanding the variables related to that issue. Narrating the past or the present work leads the individual to take a different look at his reality and reconfigure his practice. From the narrative analysis it is possible to infer patterns of action and behavior in certain groups, which can be extremely relevant in educational research.

Key words: Narrative interview. Qualitative research. Methodology.

* Artigo recebido em 14/07/2021 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 20/03/2022.

1. INTRODUÇÃO

O gênero narrativo refere-se aos textos que contam história. Como destaca Benjamin (1994, p.205): “A narrativa não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

Benjamin (1994) aponta um declínio da arte da narrativa a partir da necessidade da difusão da informação. As notícias passam a chegar com rapidez, demandando maior exatidão na apresentação dos fatos e deixando menor espaço para as narrações. É importante lembrar que a informação, no entanto, só tem valor quando é nova, enquanto a narrativa pode adquirir nova roupagem com o tempo, sendo sempre capaz de se desenvolver.

Lukács (1965) discutindo a transformação da literatura ao longo do tempo apresenta o contraste entre os princípios da estrutura da composição da narrativa e da descrição: a narrativa implica uma posição de participação assumida pelo escritor em face da vida e dos problemas da sociedade. Há engajamento entre os interlocutores. A descrição se relaciona a uma posição de observação, sem necessariamente, provocar interfaces entre o fato e os sujeitos a ele pertencentes, na conjuntura do discurso. Na descrição o sujeito se encontra apartado do relato, adotando uma posição apenas observacional.

Apesar destas observações sobre o declínio da narrativa na literatura, o campo da pesquisa, principalmente na área da pesquisa qualitativa, apresenta uma ampliação do seu uso. Em Minayo (2012) vemos que fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. Também entendemos que a pesquisa qualitativa se desenvolve dentro do território do senso comum e que as metodologias quantitativas de pesquisa não são suficientes para atender à principal questão dos estudos qualitativos que é compreender o problema. Mergulhar profundamente nas questões para explorar não apenas a superfície do objeto da pesquisa, mas também, e principalmente, o que não está posto, o facilmente identificado, mas aquilo que tem relevante influência sobre o tema estudado de forma indireta ou mediante suas interações.

É exatamente dentro desta modalidade de estudo que cresce a possibilidade de aplicação da entrevista narrativa como instrumento de pesquisa.

Diante disso, o objetivo do presente artigo consiste em apresentar a entrevista narrativa como técnica de pesquisa aplicada à metodologia qualitativa. Expõe as possibilidades de aplicação da técnica, mostrando de maneira didática os componentes para a organização da entrevista, bem como as possibilidades de organização da sua análise dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa.

2. ENTREVISTAS NARRATIVAS

Para Jovchelovich e Bauer (2002), as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Ao se trabalhar com narrativas dos sujeitos das pesquisas, o pesquisador tem acesso não só à experiência vivida e narrada, como também à ressignificação da história a partir da sua narrativa, constituindo um trabalho de reconstrução daqueles momentos e experiências.

No âmbito da pesquisa qualitativa, as entrevistas narrativas foram inseridas a partir do campo da Sociologia. Fritz Schütze pode ser apresentado como o introdutor da pesquisa narrativa dentro das Ciências Sociais, tendo sido um dos responsáveis pelo desenvolvimento da Sociologia interpretativa na década de 1980. Juntamente com seu colega Gerhard Riemann, elaborou a análise de narrações como método de análise de entrevistas narrativas nas entrevistas biográficas. Como assinala Ravagnoli (2018), o surgimento da abordagem narrativa passou a ser aprimorada, pois se acreditava que os procedimentos qualitativos de pesquisa então vigentes não davam conta de representar, fidedignamente, os fenômenos sociais investigados, devido à rigidez imposta por seus instrumentos, os quais direcionavam e cerceavam as respostas dos participantes e, conseqüentemente, restringiam suas manifestações. Esta questão da subjetividade, porém, é a que levanta maior questionamento quando se apresenta a pertinência das pesquisas qualitativas e a sua validade científica.

Segundo Jovchelovich e Bauer (2002), as narrativas são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico.

Dizem Muylaert *et al.* (2014) que uma das funções da entrevista narrativa é contribuir com a construção histórica da realidade e, a partir do relato de fatos do passado, promover o futuro, pois no passado há também o potencial de projetar o futuro. Sabiamente nos lembram que a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Para os autores, o importante é o que está acontecendo no momento da narração, sendo que o tempo presente, passado e futuro são articulados, pois a pessoa pode projetar experiências e ações para o futuro e o passado pode ser ressignificado ao se recordarem e se narrarem experiências.

O uso das entrevistas narrativas parece ganhar relevo especial quando observamos sua associação com a pesquisa biográfica. Para Alves (2020), um investigador que deseja fazer uso das narrativas no escopo dessa abordagem é levado, portanto, a construir relações horizontais com os participantes da investigação baseadas no diálogo, na escuta, na empatia, na alteridade e em uma postura compreensiva. Esses elementos, tomados como valores, tornam-se meios que favorecem a construção de elos de confiança por meio dos quais a narrativa ganha forma e o conhecimento é produzido. Lembra Creswell (2014), que há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e os participantes. É nessa interação que o processo da pesquisa se instrumentaliza. Jovchelovich e Bauer (2002) nos apontam que, por meio da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Na entrevista narrativa o entrevistador convida e encoraja o entrevistado a contar uma história sobre um evento, um acontecimento ou sobre o objeto que se pretende investigar, apresentado dentro do contexto do entrevistado, que considera os pontos que lhe parecem relevantes para a abordagem do assunto. A interação vai construindo o significado, fazendo emergir percepções que antes da narrativa estavam escondidas ou não eram percebidas como relevantes.

O uso da entrevista narrativa rompe com o esquema pergunta/resposta, definido pelas entrevistas formais. Também não há espaço para a interação durante a narração. A questão é definida pelo entrevistador e, a partir da pergunta motivadora, o entrevistado faz a sua abordagem, definindo sua orientação de raciocínio e o caminho necessário para abordar o assunto. A interação existe na cumplicidade desenvolvida ao longo do processo da narrativa. A programação deve ser cuidadosa e as fases de constituição devem ser seguidas, garantindo maior rigor metodológico ao processo.

3. ETAPAS DA ENTREVISTA NARRATIVA

Ao iniciar uma entrevista narrativa, o entrevistador deve ter uma clareza sobre o assunto a ser abordado, mas nenhuma das partes envolvidas no processo sabe de que forma a entrevista acontecerá. É necessário que haja paradoxalmente uma certeza do entrevistador sobre as perspectivas da entrevista e ao mesmo tempo uma liberdade completa para que o entrevistador discorra sobre as questões, encontrando as possibilidades de entrelaçamento com o tema proposto. Considerando desta forma, fica mais fácil compreender o laço forte que une as entrevistas narrativas com as pesquisas biográficas.

Como vemos em Ravagnoli (2018), o papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada.

Apesar da liberdade de abordagem, as entrevistas narrativas são cuidadosamente organizadas, seguindo etapas que garantem sua validade científica. A tabela 1 define as etapas da entrevista narrativa, que passaremos a abordar separadamente.

Tabela 1: Fases principais da entrevista narrativa

| Fases | Regras |
|-----------------------------|--|
| Preparação | Exploração do campo. Formulação de questões exmanentes. |
| 1. Iniciação | Formulário do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais. |
| 2. Narração Central | Não interromper. Somente encorajamento não verbal para continuar a narração. Esperar para os sinais de finalização (“coda”). |
| 3. Fase de Perguntas | Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes. |
| 4. Fala Conclusiva | Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente após as entrevistas. |

Fonte: Jovchelovich e Bauer (2002, p. 97)

Longe de ser uma forma de cerceamento da atividade do entrevistador, a tabela, baseada em Jovchelovich e Bauer (2002), aponta possibilidades da ação em cada etapa, reduzindo constrangimentos que possam aparecer durante a entrevista. Mais uma vez é

importante salientar que a entrevista narrativa não é um instrumento de pesquisa e sim uma técnica, o método por meio do qual iremos conduzir o questionamento do sujeito.

Azevedo e Gomes (2019) reforçam a perspectiva de que a temporalidade e a espacialidade são temas centrais dentro da narrativa. A narrativa não segue necessariamente uma ordem cronológica e entender seu tempo ajuda a compreender o sujeito. A referência do espaço em que se estabelece a narrativa também nos auxilia a compor a trama de significados envolvida na questão.

3.1. PREPARAÇÃO DA ENTREVISTA

A preparação da entrevista é uma parte extremamente trabalhosa e essencial para a obtenção do melhor resultado. O pesquisador precisa estar completamente familiarizado com o campo do estudo e ter uma compreensão prévia da questão principal da investigação. A apropriação do tema pelo pesquisador é fundamental para garantir o seu trânsito durante a entrevista, delineando o tópico inicial central. Pode ser necessária inicialmente a busca de informações preliminares, leitura de documentos, relatos informais. Com essa primeira aproximação ao tema, o pesquisador estrutura uma lista de perguntas exmanentes, que refletem o interesse do pesquisador, que apresenta suas questões com sua própria linguagem. Nesta fase também o pesquisador já atenta para as possíveis questões imanentes, que são os temas, tópicos e relatos que surgem durante a narração. É importante observar que nem sempre as questões que o pesquisador pensa e constrói antes da entrevista serão similares às que são trazidas pelo sujeito da pesquisa. As questões podem ser complementares e podem se sobrepor, mas também podem ser antagônicas. O desafio é associar as questões imanentes, ancorando as questões exmanentes na perspectiva da narração e encontrando as possibilidades de conversação entre elas.

3.2. FASE 1: INICIAÇÃO

De acordo com Jovchelovich e Bauer (2002) essa é a fase em que se apresenta o contexto da investigação. Nessa etapa garantimos que o entrevistado autorize a gravação da entrevista. O pesquisador explica, então, todo o processo e todas as etapas da entrevista para depois apresentar o tópico central, que representa os interesses do pesquisador. É importante que o tópico inicial faça parte da experiência do informante, garantindo seu interesse e detalhamento na narração. Igualmente se espera que o tópico tenha significância pessoal e social ou comunitária. Demonstrada a relevância do tópico, é necessário que ele seja amplo o suficiente para permitir o desenvolvimento da questão.

A conduta do entrevistador é fundamental, sendo importante que ele seja acolhedor e que tenha uma escuta comprometida. Campos (2010) aponta que o entrevistador deve ter grande capacidade de interação com o outro, uma disponibilidade psicológica para ouvir e habilidades de descrever a experiência analisada.

3.3. FASE 2: A NARRAÇÃO CENTRAL

A narração é uma ação exclusiva do entrevistado. Não deve haver qualquer interrupção ou observação por parte do entrevistador. O curso da narração deve seguir, com demonstrações de interesse por parte do entrevistador, que deve adotar uma atitude positiva e encorajadora, até que haja uma indicação (“coda”) de que o informante terminou a história. Durante o processo, o entrevistador deve organizar a escuta, atentando para a associação entre as questões exmanentes e imanentes e escrever as perguntas para a fase seguinte (JOVCHELOVICH E BAUER, 2002).

Quando o informante sinaliza o final, o pesquisador deve ratificar que nada mais poderia ser acrescentado, por meio da formulação direta de perguntas: “Isso é tudo que você gostaria de me contar?” ou “Haveria mais alguma coisa a acrescentar?”

3.4. FASE DE QUESTIONAMENTO

É nessa fase que a escuta atenta do entrevistador ganha sua oportunidade de apresentação. A fase só deve ser iniciada com a certeza do final da etapa anterior. O objetivo dessa fase é agregar material ao fornecido na narração central. As questões do pesquisador (exmanentes) são então traduzidas em questões imanentes e apresentadas na linguagem do informante. As perguntas não devem ser diretas, não devem apontar antagonismos ou discutir a narração central. As perguntas devem se referir a acontecimentos relatados na história ou a tópicos da pesquisa. O entrevistador deve se preocupar com o percurso, não com a resposta final, pois é por meio do percurso que justificativas e racionalizações irão emergir naturalmente. O objetivo principal do entrevistador nesta etapa é sedimentar as informações, garantindo uma textura concreta.

3.5. FALA CONCLUSIVA

Ao fim da fase de questionamentos o gravador deve ser desligado e, a partir daí, como reforçam Muylaert *et al.* (2014) uma conversa informal pode ser muito importante para deslindar algumas questões que não ficaram tão claras. Os porquês são permitidos nesta etapa e podem abrir espaços para discussões relevantes na análise posterior.

É interessante que o entrevistador se organize para comentar e fazer uma análise pessoal sobre a entrevista imediatamente após o seu final.

3.6. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Uma vez encerrada a entrevista, o material obtido deve ser cuidadosamente trabalhado.

Campos (2010) afirma que a interpretação de narrativas ainda representa um desafio aos pesquisadores que podem seguir diferentes técnicas ou métodos. Ao mesmo tempo em que o domínio de técnicas específicas é exigido, não há intenção de esgotar as possibilidades de análise, mas sim de realizar uma análise no sentido de abrir os sentidos.

As entrevistas narrativas são técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição dos dados (LIRA, 2003), mas independentemente do procedimento analítico que se opte por realizar, todo processo de análise de uma entrevista narrativa tem início com a transcrição, que deve ser o mais fidedigna possível e conter, também, as características para-linguísticas. O tom da voz, as pausas realizadas podem ser muito importantes para o entendimento da questão. É importante, ainda, que a transcrição seja feita pelo entrevistador, garantindo maior fidedignidade aos apontamentos. A entrevista é feita com a interação entre o entrevistado e entrevistador e o comprometimento do pesquisador é sempre maior e mais efetivo do que qualquer serviço terceirizado. Vale ressaltar que a terceirização da análise pode comprometer de forma fatal a pesquisa.

Schütze foi responsável pela construção do primeiro método para análise das entrevistas narrativas, descrevendo seis etapas. Weller (2009) descreve e explica em detalhes cada etapa da análise das entrevistas narrativas proposta por Schütze. A apresentação mais detalhada parece ser necessária para que haja possibilidade de divulgação da técnica com maior solidez de informações.

Após a transcrição, a primeira etapa, conhecida como “análise formal do texto” tem início. Nesta fase, o intérprete identifica os diferentes tipos de texto e os principais elementos marcadores de finalização e inicialização de um novo tópico ao longo da entrevista. Diz Weller (2009) que é a fase em que se identificam as passagens narrativas, permitindo que o pesquisador construa uma primeira impressão sobre a narrativa como um todo, que identifique na estrutura global da narrativa, o quadro de referência do narrador e os principais esquemas de ação para uma mudança ou não de sua situação biográfica. Para Jovchelovich e Bauer (2002), é nessa fase que há uma separação entre o material indexado e o não indexado. Entende-se por material indexado todo aquele que apresenta uma referência concreta a fatos

e acontecimentos, enquanto o material indexado se relaciona com a informação apresentada a partir de juízos, valores e percepções, indo além do acontecimento em si, carregando com eles um “aprendizado de vida”.

A segunda fase é a de “descrição estrutural do conteúdo”, em que há a análise detalhada da narração central e, pelo menos, a análise parcial dos segmentos da fase de perguntas. O pesquisador deve analisar não só *o quê* está sendo narrado, mas também o *como* está sendo narrado. É a fase mais minuciosa da análise e integra o material indexado ao não indexado. Essa etapa da análise tem como objetivo principal a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, como pontos de transformação, momentos dramáticos, entrelaçamentos de eventos. O pesquisador pode aqui elaborar comentários livres que servirão de base para a formulação de ideias e hipóteses e como suporte para a identificação de temas principais ou secundários. Germano (2009, p. 3) informa que, em seguida, o pesquisador conduz uma “microanálise do texto com a delimitação das unidades narrativas uma a uma e a identificação de seus temas ou mensagens principais”.

Na “fase analítica”, os diferentes eventos ou trajetórias expressas pelo entrevistado são colocados “em relação sistemática umas com as outras” de modo a reconstruir “a biografia como um todo, englobando não só a sequência biográfica das experiências em cada ciclo, mas também a estrutura processual dominante na atualidade” (JOVCHELOVICH E BAUER 2018, p. 107).

A quarta etapa é conhecida como “análise do conhecimento” e trabalha com o material não indexado. Ravagnoli (2018) nos diz que nesta fase são analisadas as teorias e as reflexões desenvolvidas pelo entrevistado, as quais representam sua autocompreensão acerca dos eventos experienciados. Para Weller (2009), essa fase é dedicada às teorias desenvolvidas pelo entrevistado sobre sua história de vida e sua identidade.

O quinto passo é o desenvolvimento de uma “comparação contrastiva” entre diferentes textos de entrevistas. Schütze apud Weller (2009) sugere que se proceda inicialmente uma *comparação mínima*, entre casos similares e, posteriormente, que seja efetivada uma *comparação máxima*, com a utilização de casos com características distintas e até contrastantes, mas que ainda mantém algumas possibilidades de comparação. O objetivo desta fase é a “construção de um modelo teórico ou processual”, que se constitui a última etapa da análise. Por meio da análise detalhada de entrevistas narrativas, a partir do encontro de pontos de interseção entre as narrativas individuais, busca-se elaborar modelos teóricos sobre a trajetória biográfica de indivíduos pertencentes a grupos e condições sociais específicos.

Jovchelovich e Bauer (2002) separam a análise das entrevistas narrativas em apenas três etapas, que em sentido amplo englobam as seis partes apresentadas por Schütze. São elas a “transcrição”, a “análise temática” e a “análise estruturalista”, que podem oferecer uma opção mais simples para a compreensão do processo.

Na análise temática se propõe construir um referencial de codificação a partir do texto. A proposta consiste em reduzir gradativamente o texto, apresentando em três colunas distintas o texto ou parágrafo principal, sua redução em frases sintéticas e na última coluna, a representação do texto em palavras-chave. Desta maneira, pode-se fazer um sistema de categorização, inicialmente para cada entrevista e, ao final, para o conjunto de dados obtidos. O sistema final de categorização pode ser definido após várias revisões e novas interpretações. Como reforçam os autores Jovchelovich e Bauer (2002), o produto final constitui uma interpretação das entrevistas, juntando estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador. A fusão dos horizontes dos pesquisadores e dos informantes é algo que tem a ver com a hermenêutica. O material obtido e categorizado poderá até ser submetido a análise quantitativa, caso assim deseje o pesquisador.

A análise estruturalista é focada nos elementos formais da narração. Possui duas dimensões de observação, a dimensão paradigmática e a sintagmática. Como apresentam Jovchelovich e Bauer (2002), na dimensão paradigmática, ordenamos todos os possíveis elementos que aparecem nas histórias: acontecimentos, protagonistas, testemunhas, situações, começos, fins, crises, conclusões morais. Já a dimensão sintagmática refere-se às modalidades específicas dos elementos de narrativa. Esses elementos são organizados em sequências passíveis de comparação entre as narrativas e relacionadas com variáveis do contexto.

Para os autores, é fundamental entendermos que a análise narrativa contém aspectos cronológicos e não cronológicos. A ordem de apresentação dos eventos pode dar uma noção de como o tempo é usado pelo entrevistado. Já os aspectos não cronológicos trazem o conhecimento da explicação e das razões subjacentes aos acontecimentos. Também são definidos os critérios implícitos na narração e os juízos de valor relacionados à narração. Para Jovchelovich e Bauer (2002), compreender uma história é captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas, também, a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo. É função do enredo organizar os episódios em uma história coerente e significativa.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa dentro da área das Ciências Humanas demanda respostas que, por vezes, não conseguem ser obtidas a partir do uso de metodologias quantitativas. A pesquisa qualitativa surge exatamente da necessidade de compreensão. Para Minayo (2012), o verbo principal da análise qualitativa é compreender e, para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Por sua vez, Silva (2018) aponta que uma das vantagens da pesquisa qualitativa está em ser especialmente eficaz no estudo de nuances sutis da vida humana e na análise dos processos sociais ao longo do tempo.

Dentro da metodologia qualitativa, vários são os tipos de pesquisa possíveis e estes se relacionam com os objetivos da pesquisa e com a complexidade do que se pretende estudar.

As entrevistas narrativas se apresentam como técnica ou instrumento de pesquisa e, como apresentado no artigo, proporcionam ao investigador um aprofundamento sobre o objeto de estudo por meio do maior conhecimento dos sujeitos da pesquisa e do contexto em que eles estão inseridos.

Ainda há alguma resistência às entrevistas narrativas dentro da área da educação, mas com cuidado no planejamento e aplicação do estudo, esta técnica tem proporcionado, em conjunto com a pesquisa biográfica, subsídios para o maior detalhamento de questões referentes à educação que não se encontram ao alcance dos outros tipos de pesquisa.

Este artigo provoca os leitores para a apropriação da técnica, estimulando o exercício da construção de pesquisas tendo a entrevista narrativa como instrumento de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.A. O uso de narrativas biográficas em investigação: Quais valores, posturas e métodos adotar? **Revista Portuguesa de Educação**, 33(2), 279-294, 2020.
- AZEVEDO C.R.F.; GOMES R. O uso da narrativa na educação permanente em Saúde: sentidos, êxitos e limites educacionais. **Interface** (Botucatu). 2019; 23: e170957
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, R. C. P. R. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens**. São Paulo: Penso Editora LTDA, 2014.
- GERMANO, I.M.P. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social. In: **Encontro Nacional da ABRAPSO**, 15, 2009, Maceió. Anais ... Maceió: ABRAPSO, 2009. 10p.
- JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.
- LIRA, G. V.; CATRIB, A. M. F.; NATIONS, M. K. A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. **RBPS**. 2003; 16(1/2):59-66.
- LUKÁCS G. Narrar ou descrever? In: Konder L. (Org.). **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.
- MINAYO, M. C. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2012; 17(3):621-626.
- MUYLAERT, C. J. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.
- RAVAGNOLI, N. C. S. R. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, 39(3):1-14, 2018. <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/34195> (acesso 16/06/2021)
- SILVA, R.M. *et al.* (Org.). **Estudos Qualitativos: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações**. Sobral: Edições UVA, 2018.
- WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. In: **ANAIS da 32ª Reunião da Anped**, 2009, Caxambu. p. 11-16.